APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - I - PRÁTICAS PSICOLÓGICAS

EPOCHÉ E CULPA: OS DESAFIOS DE UMA PROPOSTA DE COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DA CULPA NA POSVENÇÃO AO SUICÍDIO

Susanne Oliveira Dos Santos (olive.suh@gmail.com)

Os impactados por uma morte por suicídio são chamados de sobreviventes, e suas experiências de luto são marcadas por peculiaridades exclusivas, como a culpa e o questionamento do que poderia ter sido feito para impedir tal desfecho. Em entrevistas, sobreviventes destacam como se sentem responsáveis pelo ocorrido, e muitos tentam partilhar esta dívida buscando outros culpados como forma de aliviar o fardo. Atualmente, a culpa é destacada pelos manuais de psicodiagnóstico como agravante para o sofrimento ou desencadeador de patologias associadas ao luto, como o Transtorno de Luto Prolongado. Por essa razão, recomenda-se que os sobreviventes trabalhem a culpa em atividades de posvenção. Diante deste cenário, torna-se pertinente pensar um acolhimento aos sobreviventes que não compreenda a culpa de forma patológica, mas sim de forma mais originária e próxima das experiências. Portanto, objetiva-se refletir sobre uma compreensão fenomenológica-existencial da culpa, a partir do princípio husserliano da epoché. A proposta de suspensão de conceitos prévios apresenta um movimento radical desafiador,

uma vez que nos encontramos atravessados pela moral vigente, como suspendemos estas noções sobre a culpa? A culpa cristã exprime a ideia de falta, erro, delito. Na modernidade, ela se apresenta como um sentimento naturalmente dado, advindo da interiorização do homem e de sua consciência moral, assim, a partir da razão, toma-se a melhor decisão. A culpa é, portanto, objetificada e estabelecida de forma causal. Ainda assim, como suspender essa causalidade tão presente no saber científico atual? Em busca de um outro modo de compreensão da culpa, a fenomenologia-existencial revela pistas na interpretação heideggeriana, que destaca a culpa como ontológica, uma condição de possibilidade para o bem e o mal da moralidade, correspondente à angústia da própria finitude e responsabilidade de ser do Dasein. Na daseinsanalyse de Boss, a culpa é responsabilidade de haver-se consigo mesmo, o que demarca a impossibilidade de transferi-la a outrem. Neste sentido, Sartre aponta a culpa como uma falta ontológica, uma dívida fundamental com seu si-mesmo. Conclui-se que é preciso pensar uma posvenção que acolha e sustente a culpa enquanto condição de possibilidade, suspendendo as noções de causalidade da ciência moderna. Não obstante, o desafio subsiste, pois os sobreviventes sofrem pela tutela, pois tomam para si a responsabilidade pelo que o outro decidiu fazer por si-mesmo.

Palavras-chave: culpa; luto; posvenção; suicídio; fenomenologia-existencial.